

Percepções de atletas paralímpicos sobre a inclusão social por meio do esporte

Paralympic athletes perceptions about social inclusion through sport

Percepciones de los atletas paralímpicos sobre la inclusión social a través del deporte

*Bruna Solera, **Patric Paludett Flores, ***Ana Luiza Barbosa Anversa, ***Yedda Maria da Silva Caraçato-Sousa, ***Vânia de Fátima Matias de Souza, ***Carlos Herold Junior

*Centro Universitário Cidade Verde (Brasil) e Universidade Estadual de Maringá (Brasil), **Universidade do Estado de Minas Gerais (Brasil), ***Universidade Estadual de Maringá (Brasil)

Resumo: A presente pesquisa objetivou analisar a percepção dos atletas de esporte paralímpico acerca da influência da prática esportiva para a inclusão social. Para isso, contou-se com a participação de 19 atletas das modalidades Bocha, Basquete em Cadeira de Rodas e Vôlei Sentado da cidade de Maringá-PR/Brasil. Como instrumento de pesquisa, optou-se pela entrevista não estruturada. Os dados coletados foram analisados com base nos pressupostos da análise de conteúdo e organizados com auxílio do software NVivo. Evidenciou-se que o esporte e seus desdobramentos, a partir da visão dos atletas paralímpicos, contribui significativamente com a qualidade de vida e convívio social entre os pares, o que pode gerar alguns indicativos para o processo de inclusão social. Nesse sentido, conclui-se que o envolvimento com o esporte paralímpico não contribui diretamente com a inclusão social dos sujeitos, uma vez que as relações interpessoais em sua maioria ainda permanecem restritas as pessoas com deficiência, porém, destaca-se que tal ação possibilita ganhos pessoais ímpares para a vida dos atletas.

Palavras-chave: Esporte Paralímpico; Inclusão; Pessoa com deficiência; Percepção; Atletas.

Abstract: The research aimed to analyze the perception of Paralympic sport athletes about the influence of sports practice for social inclusion. For this, 19 athletes from Bocce, Wheelchair Basketball and Sitting Volleyball from the city of Maringá-PR participated. As a research instrument, opted for the unstructured interview, with the data collected and analyzed based on the assumptions of the content analysis and organized with the aid of the NVivo software. It was Evidenced that the sport and its unfolding contribute to the quality of life and inclusion of the people involved, however, the inclusion is carried out in certain spaces and among people with disabilities. It is concluded with this, that the involvement with the Paralympic sport does not contribute to the social inclusion of the subjects, even contributing to gains for the athletes' lives.

Keywords: Paralympic sport; Inclusion; Disabled person; Perception; Athletes.

Resumen: El estudio tuvo como objetivo analizar la percepción de las personas con discapacidad involucradas en el deporte paralímpico sobre la influencia del deporte para la inclusión social. Para ello participaron 19 deportistas de Bochas, Baloncesto en Silla de Ruedas y Voleibol Sentado de la ciudad de Maringá-PR. Como instrumento de investigación se optó por la entrevista no estructurada, con los datos recolectados y analizados en base a los supuestos del análisis de contenido y organizados con la ayuda del software NVivo. Se hizo evidente que el deporte y sus consecuencias contribuyen a la calidad de vida e inclusión de las personas involucradas, sin embargo, la inclusión se realiza en determinados espacios y entre personas con discapacidad. Se concluye con esto, que la implicación con el deporte Paralímpico no contribuye a la inclusión social de los sujetos, contribuyendo incluso a ganancias para la vida de los deportistas.

Palabras clave: Deporte Paralímpico; Inclusión; Persona discapacitada; Percepción; Atletas.

Introdução

A sociedade contemporânea é marcada por movimentos sociais e interações líquidas (Bauman, 2007) traçadas a partir da fluidez advinda do hipermodernismo (Lipovetsky, 2004) o que traz a cena novas roupagens e configurações sobre o olhar e o pensar para si, para o

outro e, para com o outro. Nessas relações estabelecidas com si mesmo, com o outro e com a sociedade, fomenta-se o pensar e analisar do termo inclusão, passando tal ação a ser valorativa para as considerações acerca do pertencimento do sujeito na sociedade e o quão disposta esta está para mudar ou se adaptar a partir das diferenças e necessidades de interação com o ambiente. A inclusão torna-se um momento de equiparação de oportunidades, interação entre as pessoas com e sem deficiência e pleno acesso a recursos da sociedade por todos (Maciel, 2000), com isso, se desloca as minorias, como as Pessoas com

Deficiência (PCD), da periferia do contexto social para compor sua estrutura como os demais sujeitos.

Tal cenário tem sido desenhado há anos, a PCD tem percorrido caminhos marcados pela exclusão, nos quais crianças com má formação, na Grécia Antiga eram abandonadas (Pacheco & Alves, 2007), em Roma, defeituosos eram eliminados. Foi no século XVIII quando iniciou a transição do medo e hostilidade para com a PCD, para sentimentos de compaixão acompanhada pela decisão de educá-la e assisti-la. A partir de então, em torno do século XX, emergem concepções como a de que tais sujeitos são diferentes e por isso suas peculiaridades devem ser respeitadas.

Da exclusão, a PCD passou a segregação, momento no qual tais pessoas eram mantidas em asilos, escolas especiais com fim de recupera-las para a vida em sociedade (Aranha, 2001). Diante do fracasso de tal empreitada, abriu-se espaço para a integração, ou seja, a PCD estaria na sociedade com as pessoas sem a deficiência, no entanto, era de sua responsabilidade se ajustar e adaptar suas ações a partir do que lhe era oferecido. Após isso, chegamos ao movimento de inclusão que não nega a integração, mas objetiva melhorá-la, neste momento a sociedade assume responsabilidade acerca das condições oferecidas a PCD, sendo assim, ela deveria se adaptar para receber tais sujeitos. Com isso, direitos foram adquiridos como exemplo, o estudo da PCD na rede regular de ensino, leis que indicam adequações de espaços e condutas sociais. Dentre as ações direcionadas a inclusão, fortalece-se o olhar para o corpo e o movimento, trazendo possibilidades de inclusão por meio do esporte (Faria & Carvalho, 2010).

Esporte este chamado de esporte adaptado, ou seja, o esporte modificado ou criado para atender as necessidades das pessoas com deficiência. O Goalball é uma modalidade criada para as pessoas com deficiência visual, enquanto o Basquete em cadeira de rodas sofreu adaptações para que as pessoas com deficiência física tivessem a oportunidade de praticá-lo. Uma manifestação do esporte adaptado é o esporte paralímpico.

Scheid e Rocha (2012) descrevem que o esporte paralímpico teve seu início atrelado a um caráter reabilitador com enfoque médico e psicológico em 1944, durante a Segunda Guerra Mundial. Naquele momento, Ludwig Guttman começou um trabalho de reabilitação por meio do esporte com lesionados medulares, em Stoke Mandeville, na Inglaterra. Segundo Cidade e Freitas (2002, p. 22), «a reabilitação buscou na atividade física, novos caminhos para possibilitar a integração dessas pessoas com a sociedade, evidenciando a

maximização das capacidades dos deficientes através do esporte».

Atualmente remetem a um conjunto de 20 modalidades de verão presentes nos Jogos Paralímpicos (Atletismo, Basquete em Cadeira de Rodas, Bocha, Ciclismo, Esgrima em Cadeira de Rodas, Futebol de Cinco, Futebol de Sete, Goalball, Halterofilismo, Hipismo, Judô, Natação, Tênis em Cadeira de Rodas, Tênis de Mesa, Tiro Esportivo, Tiro com Arco, Vôleibol Sentado, Remo, Vela e Rugby em Cadeira de Rodas) e uma das cinco de inverno (Biatlo, Curling em Cadeira de Rodas, Esqui Alpino, Esqui Cross Country e Hóquei) (Costa & Winckler, 2012).

Esse novo olhar para o esporte e seu papel contributivo para a saúde física, psicológico e social do PCD tem permitido ampliar a prática do esporte paralímpico, passando a ter como especificidade a oferta de oportunidades e incentivos à prática esportiva por qualquer PCD (Pedrinelli & Nabeiro, 2012). No entanto, vale ressaltar que na prática institucionalizada, esse é um movimento limitado ao acesso e oferta, haja vista que para ser um atleta profissional paralímpico a PCD deve apresentar características necessárias para sua elegibilidade na classificação esportiva de cada modalidade, ou seja, possuir uma deficiência mínima, avaliada sob preceitos médicos e técnicos da modalidade (Costa & Winckler, 2012), além de evidenciar habilidades para a participação em competições e para o alto rendimento. Deste modo, apesar de ser um meio para tornar as competições esportivas mais justas uma vez que os atletas competem com adversários com o mesmo tipo de deficiência e com comprometimento de movimentos semelhantes, possibilitando que ambos tenham chances de vencer, tais critérios limitam a participação de todas as PCDs nas modalidades paradesportivas competitivas.

Torri e Vaz (2017, p. 4) afirmam que o caráter de inclusão, embutido no esporte paralímpico, «perde força, uma vez que se mostra tão segregador quanto àquele que lhe serve de modelo», ou seja, «seleciona como o Esporte Olímpico». Apesar disso, a inserção no esporte paralímpico brasileiro de forma ativa nas seleções, tem proporcionado aos atletas aumento na sua qualidade de vida, como, «melhor aceitação pessoal, aumento de oportunidades econômicas, culturais e educacionais [...] aumento do reconhecimento social do atleta e da sua identificação como herói, ídolo, exemplo a ser seguido» (Benfica, 2012, p. 9).

O mencionado, denota que teoricamente o esporte paralímpico contribuiu com a inclusão social dos sujeitos,

ao mesmo tempo em que influencia na qualidade de vida dos atletas, mas que pode se revelar segregador. A partir de tais incursões surgem inquietudes relacionadas às PCD, atletas de tais esportes, mas que não fazem parte da seleção paralímpica: como atletas de esporte paralímpico percebem a influência da prática esportiva para a inclusão social? Para lidar com esta problemática, o presente trabalho tem como objetivo analisar a percepção de atletas de esporte paraolímpico de alto rendimento acerca da influência da prática esportiva para a inclusão social.

Métodos

Participantes

Participaram do estudo 19 atletas, do sexo masculino, de três modalidades paralímpicas, sendo quatro deles de Bocha (21,1%), sete de Vôlei Sentado (36,8%) e oito de Basquete em Cadeira de Rodas (BCR) (42,1%), modalidades essas escolhidas por terem equipes de rendimento na cidade de Maringá-PR/Brasil e por estarem entre as 20 modalidades paralímpicas (Quadro 1). Todos os atletas recebem um auxílio/salário para representarem a cidade de Maringá/PR em competições regionais e nacionais.

Quadro 1. Detalhamento dos participantes.

Fonte: os autores

Esporte	Sujeito	Deficiência	Tempo de deficiência	Tempo de prática
Bocha	SB 1	Paralisia cerebral	Congênita	11 anos
	SB 2	Paralisia infantil	Adquirida- 2 meses e 2011 anos dias de vida	
	SB3	Distrofia muscular	Congênita	5 anos
	SB4	Paralisia cerebral	Congênita	11 anos
Vôlei sentado	SV1	Amputação mão	Adquirida- 10 anos	4 anos
	SV2	Amputação membro inferior	Adquirida- 14 anos	11 anos
	SV3	Amputação membro inferior	Adquirida- 9 anos	8 anos
	SV4	Amputação membro inferior	Adquirida- 12 anos	1 ano
	SV5	Amputação membro inferior	Adquirida- 3 anos	2 anos
	SV6	Má formação. Aginesia da tibia	Adquirida- Congênita	4 anos
	SV7	Amputação membro inferior	Adquirida- 7 anos	7 anos
Basquete em cadeira de rodas	SBC1	Emparísia	Congênita	12 anos
	SBC2	Amputação membro inferior	Adquirida- 7 anos	5 anos
	SBC3	Paralisia cerebral	Adquirida- 27 anos	7 anos
	SBC4	Poliomielite	Adquirida- 39 anos	16 anos
	SBC5	Lesão medular	Adquirida- 17 anos	8 anos
	SBC6	Lesão medular	Adquirida- 8 anos	8 anos
	SBC7	Amputação membro inferior	Adquirida- 24 anos	7 anos
	SBC8	Amputação membro inferior	Adquirida- 5 anos	5 anos

Para seleção da amostra foram adotados os seguintes critérios de inclusão: a) participar de uma modalidade de esporte paralímpico de rendimento na cidade foco deste estudo; b) possuir deficiência física sem comprometimento intelectual; c) participar da modalidade, no mínimo, há um ano; d) todos os sujeitos ou seus responsáveis (para menores de 18 anos) deveriam aceitar participar da pesquisa de forma voluntária e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Os sujeitos da pesquisa são mencionados ao longo do

texto como trazido no quadro 1. Para identificar os atletas de Bocha, utilizou-se a sigla SB, para os atletas de Vôlei sentado SV e para os atletas de Basquete em cadeiras de rodas, usou-se SBC.

Instrumento de pesquisa

Como instrumento de coleta de dados foi empregado os procedimentos da entrevista de profundidade. De acordo com Minayo (2013, p. 262), neste tipo de entrevista o «informante é convidado a falar livremente sobre um tema». Ao invés de obtermos respostas à pergunta feita por meio de diversas alternativas pré-formuladas, procuramos obter, dos sujeitos, reflexões sobre determinado assunto (Richardson, 2012).

Foram utilizados como base para as entrevistas dois temas principais: inclusão e esporte. Como base para início das falas, os atletas foram convidados a falar livremente sobre sua inserção no esporte paralímpico.

Procedimentos de coleta de dados

Os dados foram coletados no primeiro semestre do ano de 2018, durante o período de treinamento das equipes, de forma individual, em espaços diversos como quadra, academia, Universidade, de acordo com a disponibilidade dos sujeitos. Cada sujeito realizou, participou de uma entrevista. Todas as entrevistas foram conduzidas pelo mesmo pesquisador. A entrevista aconteceu após assinatura do TCLE pelos próprios atletas. Apenas um deles, com maior comprometimento motor teve seu TCLE assinado por sua responsável.

As entrevistas foram gravadas em um aparelho digital Samsung. Para a coleta dos dados propriamente dita, foram seguidos alguns passos, propostos por Richardson (2012):

a) Introdução da entrevista: explicação ao entrevistado cerca do funcionamento da entrevista, o objetivo do trabalho, o anonimato e o sigilo das respostas; solicitação de autorização para a gravação da entrevista;

b) Início da entrevista: coleta de dados para identificação, como nome do entrevistado, número da entrevista, data, lugar da entrevista, sexo do entrevistado, idade, nível de escolaridade, endereço, local do nascimento, deficiência, tempo de deficiência;

c) Entrevista propriamente dita: introdução do tema norteador – inserção no esporte paraolímpico-. As entrevistas tiveram o tempo médio de 33'84", totalizando 10h51min. e 151 páginas de transcrições.

Esta pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética da Universidade Estadual de Maringá sob o número 2.145.389.

Análise dos dados

A análise dos dados seguiu os pressupostos do procedimento da análise de conteúdo (Minayo, 2013, p. 303), entendida como «técnica de pesquisa que permite tornar replicáveis e válidas inferências sobre dados de um determinado contexto», tendo como apoio as fases de pré-análise, exploração do material e inferência e interpretação. Para auxiliar na organização dos dados, utilizou-se o software de análise qualitativa Qualitative Solutions Research Nvivo 11.

Definido os procedimentos de análise da percepção dos atletas com física de esporte paralímpico acerca da influência da prática esportiva para a inclusão social, os dados foram alocados, a partir de temáticas sendo: 1) Esporte Paralímpico e 2) Inclusão Social, destas, a partir da análise do material emergiram categorias como qualidade de vida e aceitação/superação, em relação a primeira categoria e, efetivação em relação a segunda.

Resultados e discussões

Os achados, a partir das entrevistas, evidenciaram a contribuição da prática esportiva para a vida da PCD. Da temática Esporte Paralímpico, emergiu a categoria *Qualidade de vida*, e suas subcategorias, destacando-se *aspectos motores, saúde, vivências culturais, valores e aprendizagem*. Na categoria *Aceitação/superação*, destacou-se as subcategorias: contato com as pessoas, comunidade e esporte.

Em relação a *Qualidade de vida – aspectos motores*, os sujeitos investigados tratam o esporte como algo que os auxilia na melhora da coordenação de movimentos, como identificado na fala do SB1, «Jogar bocha é muito legal, ajuda a coordenar mais os movimentos», «ela [a bocha] mudou muito os movimentos involuntários, que consigo controlar bem melhor», além disso, a prática esportiva contribui com a ampliação do repertório motor dos atletas, como na fala do SB3: «ganha habilidades». A citação do aspecto motor se deu apenas pelos atletas de bocha, justificado por terem maior comprometimento nos movimentos quando comparados aos atletas de BCR e Vôlei Sentado.

As falas trazidas pelos participantes se assemelham aos estudos com praticantes de BCR, de Labroncini et al. (2000, p. 1098) que não identificaram melhoras no aspecto motor dos sujeitos. Este dado é justificado pelos autores e esperado por se tratar de «indivíduos com vários anos de lesão, já totalmente adaptados às suas limitações». Em contraposição, Boas, Bim e Barian (2003) afirmam em sua investigação a contribuição da

prática do BCR para habilidades motoras para 20% de seus praticantes.

Acerca da *saúde*, os atletas das três modalidades investigadas do estudo em questão, a citaram como importante na prática do esporte paralímpico, contribuindo com a manutenção do peso corporal, ganho de energia, auxílio em questões psicológicas como a cura da depressão, controle da pressão arterial, melhora na circulação, assim como evita a aquisição de doenças, sejam elas relacionadas a questão física, quanto psicológica. Como exemplo, SBC7 menciona:

Se não for o basquete, eu ficaria dentro de casa, pegar doença, essas coisas, e ficar parado, e dá um monte de problema de saúde as coisas, o basquete, vamos dizer que move tudo, meu corpo, as coisas, a mente. Se não for basquete, eu tava na roça, é ruim, fiquei um ano parado lá, meu Deus do céu, quase fiquei doido.

Cuba (2008) afirma que a prática regular de exercícios físicos contribui com a saúde das pessoas com deficiência física. Epiphanyo (2017, p. 84), ao encontro do identificado, cita que a prática esportiva se revelou como importante para o equilíbrio emocional dos atletas investigados, sendo ela «responsável por não terem entrado em depressão quando adquiriram suas deficiências». De forma geral, Simões (2018) afirma que a prática esportiva para atletas usuários de cadeira de rodas, contribui com a qualidade de vida, promovendo a prevenção de doenças além da manutenção da saúde.

Quanto as *vivências culturais*, os participantes identificaram pontos positivos advindos da prática esportiva, como, conhecer novos lugares e fazer viagens, anseios possibilitados pela inserção no campo esportivo. Acerca disso, as falas a seguir são exemplos de destaque:

SV7 A pessoa no esporte, ele pode conhecer lugares assim, eu mesmo fui conhecer a praia no vôlei, nunca tinha conhecido a praia, fui pra Aracajú, Maceió. Voar de avião foi também depois que eu comecei a praticar esporte, nunca tinha voado. Bom demais.

SBC3 Jogando basquete eu conheci várias cidades aí do estado, e livre de alimentação, hospedagem, fiz várias amizades, esses 16 anos aí pra mim se não tivesse o basquete, aí acredito eu que eu não conheceria nem a metade do que eu conheço hoje no estado.

SB3 [...] comecei a viajar em tudo quanto é lugar, não precisava pagar nada.

Velasco, Santos e Souza (2018) e Becerra, Manzini e Martinez (2019) afirmam como contribuição da prática esportiva a possibilidade de conhecimento de novos lugares, como indicado pelos atletas da Vôlei Sentado,

BCR e Bocha. Ademais há ganhos para a sociabilidade dos sujeitos, como o identificado por Freire (2010) e, corroborado neste estudo, por meio da subcategoria *valores*, na qual destaca-se a amizade e o sentimento de família, como elucida o SBC3 "[...] porque ele me proporcionou ter muitas amizades, aprender mais, valorizar mais, acreditar mais que é capaz.» O mencionado corrobora com o trazido por Samulski e Noce (2002), que identificaram como um dos principais motivos para a permanência dos atletas no esporte paralímpico, o fato de este proporcionar o «fazer amizades».

Quanto ao sentimento de família, os participantes afirmam: SV2: «Porque hoje aqui é a segunda família minha»; SB3: «a equipe aqui é como se fosse uma família». Os sujeitos consideram as pessoas presentes no seu dia a dia como aquelas que acolhem, apoiam e dão forças para seguir em frente, evidenciando a noção de pertencimento social por meio da prática esportiva. Além dos valores citados, os sujeitos apontaram o esporte como forma de *aprendizagem*, ou seja, um meio de aprender novas coisas (SV3, SB4 e SB3). Como exemplo a fala de um dos atletas de Bocha: «Esporte é assim. É um por todos. Um aprendizado muito grande» (SB4).

Além do mencionado, foi identificado como categoria *aceitação/superação*, ou seja, os investigados consideram a prática esportiva com um meio que os auxiliaram na aceitação/ superação da deficiência, haja vista que os participantes destacaram que sua prática, oportunizou *contato com pessoas* com outras deficiências. Como exemplo, a fala do SV1: «O vôlei pra mim, me acolheu, né, porque quando eu me acidentei, eu não entrei em depressão, mas quase entrei em depressão, daí apareceu o vôlei com pessoas com o mesmo problema que o meu. Eu me senti uma pessoa normal no meio deles também, entendeu» e SB3: «Mas a bocha libertou mesmo» «eu fiquei dentro de casa mesmo, até eu conhecer a bocha, e comecei a ficar saindo, não paro em casa quase» «Isso é bom, acho que é a melhor coisa da bocha, que é você conhecer pessoa nova com a sua mesma doença».

O esporte pode ser visto como uma *comunidade* a qual fornece apoio para superação das dificuldades e auxilia na melhora da autoconfiança, tanto para a prática esportiva, quanto em situações do contexto social (Goodwin et al., 2009). Os próprios atletas auxiliam seus colegas no processo de superação da deficiência e da baixa-autoestima, de forma a melhorar sua imagem corporal (Brazuna & Castro, 2001).

Os sujeitos consideram o *esporte* como fator operante

em suas vidas, como traz SV7, «[...] o voleibol foi assim, depois que eu conheci o vôlei, muita coisa na minha vida mudou». O SV5 concorda com o SV7 ao dizer que não consegue mais viver sem o esporte assim como teve mudanças em sua vida.

Então, hoje pra mim é praticamente tudo, esporte [...] não consigo viver mais sem tá praticando o vôlei [...] Daí por isso que eu falo, o vôlei mudou completamente minha vida por causa disso aí, outras experiências, outras histórias de vida, daí fez eu perder a vergonha, fez eu readaptar bem foi o vôlei.

Os atletas de BCR também afirmam terem contribuições da modalidade para além da superação da deficiência, para lidar com as dificuldades do cotidiano, tornando-a uma manifestação essencial em seu dia a dia.

SBC1: Válvula de escape, das tensões do dia a dia, das frustrações da vida, é onde a gente se diverte e se liberta um pouco.

SBC2: O basquete assim foi o que mudou a minha vida né, não fosse o basquete, acho que eu ainda estaria em depressão [...] então, hoje eu sou atleta profissional, eu nasci pra jogar. Então meu trabalho mesmo é o esporte.

SBC3: Tudo, hoje é profissão, é vida.

SBC5: Ele é tudo para mim.

SBC6: [...] o basquete hoje, bem dizer, me mantém vivo. Se não for o basquete, eu ficaria dentro de casa, pegar doença, essas coisas, e ficar parado, e dá um monte de problema de saúde as coisas, o basquete, vamos dizer que move tudo, meu corpo, as coisas, a mente. Se não for basquete, eu tava na roça, é ruim, fiquei um ano parado lá, meu Deus do céu, quase fiquei doido.

De acordo com Epiphanyo et al. (2017, p. 76), a partir do que foi relatado pelos atletas e paratletas investigados em seu estudo, «o esporte se mostra como um importante recurso para a abertura de novas possibilidades e como um propulsor de superação de indivíduos na busca de seu desenvolvimento e da autorrealização humana». Ao encontro deste, Velasco, Santos e Souza (2018), revelam em um estudo de caso realizado com atletas de Goalball, que a prática do esporte auxilia na aceitação da deficiência e contribui com a superação das dificuldades e preconceitos advindos da deficiência.

Acerca da temática *Inclusão Social*, emergiu a categoria *efetivação*, que na visão dos atletas entrevistados pode ser constituída em subcategorias: espaços específicos e pessoa com deficiência. Sobre a *efetivação* é possível afirmar que os atletas de Bocha, Vôlei Sentado e BCR percebem a efetivação da inclusão não se dá na sociedade,

e sim, em espaços específicos e entre as próprias PCDs.

Inclusão, não na verdade, depende o meio que tu tá, um exemplo, se eu for para um sei lá, para um lugar que a maioria das pessoas são deficientes físicas, vai haver inclusão com certeza [...] quando a gente vai nos campeonatos, é tudo adaptado, [...] tipo porque tá ali é a inclusão, então é mais fácil (SBC8).

Para o sujeito SCB8 a inclusão está associada a eventos esportivos. Isso porque os espaços para realização desses eventos estão preparados e adequados estruturalmente para recebe-lo. Fala recorrente nos demais investigados. Ademais, SV3 se coloca como real responsável pela efetivação da inclusão: «Então, a maior inclusão que tem é de um deficiente com o outro, porque pela sociedade mesmo...». Os investigados entendem a inclusão como acolhimento do grupo e como a preparação do ambiente de forma estrutural para recebe-los, o que não é identificado por eles, na sociedade como um todo.

Andrade e Brandt (2008), afirmam ser o esporte um meio de inclusão social, no entanto, o que se evidencia é que a prática esportiva possibilita relações entre as próprias PCDs e acarreta em ações, como preparação dos espaços com cuidados de acessibilidade por exemplo, que refletem na inclusão dos envolvidos. O que se entende é que a inclusão de fato, quando relacionada as pessoas sem deficiência, não acontece, isso pode ser visto como uma fragilidade, evidenciando possíveis preconceitos, paradigmas e estereótipos, que deveriam ter sido transformados, mas que ainda permanecem na sociedade (Marques, 2016).

Observa-se que o esporte paralímpico contribui de forma significativa com a PCD, de forma a potencializar as relações entre as pessoas com deficiência e possibilitar espaços acessíveis. No entanto, vale ressaltar que sua prática ainda não influencia na inclusão social dos mesmos.

Conclusão

Ao analisar a percepção dos atletas de Vôlei Sentado, BCR e Bocha a respeito da influência da prática esportiva na inclusão social, evidenciou-se que a PCD sublinha pontos positivos acerca da prática esportiva, contribuindo com aspectos motores, de saúde, ganhos culturais, valores e aprendizagem. Assim como, em conjunto com as relações estabelecidas neste contexto, auxiliam os investigados na superação/aceitação da sua própria condição, como dos demais envolvidos com a prática esportiva.

Verificou-se ainda, que a inclusão é contemplada em

espaços determinados, nos quais se tem a presença de outras PCDs, não sendo identificado tal efetivação na sociedade como um todo. Sendo assim, evidenciou-se que não há diretamente inclusão social por meio do esporte no contexto investigado, pois as relações interpessoais que se estabelecem ainda acontecem apenas entre os pares e não são ampliadas para a comunidade em geral, o que se distancia dos discursos de esporte como meio de inclusão social disseminados.

Considerar as percepções dos praticantes de esportes paralímpicos, revelou-se como significativo, uma vez que pode desvelar e desmitificar a ambiguidade inclusão-segregação contida em torno do esporte. Espera-se que este trabalho possa contribuir com pesquisas relacionadas ao esporte paralímpico e seus praticantes, tal qual, ampliar os estudos na área. Sendo assim, sugere-se a realização de novos estudos sobre da inclusão social de PCD a partir da percepção de atletas praticantes de esportes paralímpicos das modalidades individuais na mesma cidade, em outras regiões do Brasil, bem como, em diferentes países,, de modo a corroborar ou refutar o afirmado nesta pesquisa.

Referências

- Andrade, A., Brandt, R. (2008). A psicologia do esporte aplicada a atletas portadores de necessidades especiais: reflexões epistemológicas, filosóficas e práticas. *Revista Digital*, Buenos Aires, 13 (121): 1-9.
- Barbosa, R. R. B., de Souza, R. M., Teixeira, T. S., Salomão, T. F., Ambrosim, M. F., Batalha, T. R., ... & Simões, G. M. S. (2018). O papel do esporte adaptado na força muscular respiratória de indivíduos usuários de cadeiras de rodas. *Cadernos de Educação, Saúde e Fisioterapia*, 5(10).
- Bauman, Z. (2007). *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Becerra, M. A. G., Manzini, M. G., & Martinez, C. M. S. (2019). Percepção de atletas do rugby em cadeira de rodas sobre os apoios recebidos para a prática do esporte adaptado. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 27(3): 615-627.
- Benfica, D. T. (2012). *Esporte Paralímpico: analisando suas contribuições nas (re) significações do atleta com deficiência*. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal de Viçosa, Faculdade de Educação Física, Viçosa, Minas Gerais, Brasil.
- Boas, M. S. V., Bim, R. H., Barian, S. H. S. (2003). Aspectos motivacionais e benefícios da prática do basquetebol sobre rodas. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, 14 (2): 7-11.

- Brazuma, M. R., Mauerberg-Decastro, E. (2001). A trajetória do atleta portador de deficiência física no esporte adaptado de rendimento: uma revisão da literatura. *Motriz*, 7 (2):115–123.
- Cidade, R. E. A., Freitas, P. S. (2002). *Introdução à educação física e ao desporto para pessoas com deficiência*. Curitiba: Ed. da UFPR.
- Costa, a. M., winckler, c. (2012). Educação física e o esporte paralímpico. In: MELLO, M.T, W, C. *Esporte paralímpico*. São Paulo: Atheneu.
- Cuba, B. W. (2008). *Imagem corporal e pessoas com deficiência física atletas e não atletas*. (Monografia Bacharelado em Educação Física), Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, Rio Claro.
- Epiphany, E. H., Silva, E. M., Batista, R. P. R., Aquino, S. M. C. (2017). O sentido do esporte para atletas com e sem deficiência: uma compreensão fenomenológica. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, Brasília/DF, 7 (1): 76-91.
- Faria, M. D., Carvalho, J. L. F. (2010). Uma análise semiótica do potencial mercadológico da imagem de atletas paraolímpicos. *Revista Gestão e Sociedade*, Belo Horizonte, 4 (9): 657-688.
- Freire, M. F. (2010). *A inclusão através do desporto adaptado: o caso português do basquetebol em cadeira de rodas*. (Dissertação de Mestrado) Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra, Portugal.
- Goodwin, D., Johnston, K., Gustafson, P., Elliott, M., Thurmeier, R., Kuttai, H. (2009). It's okay to be a quad: wheelchair rugby players' sense of Community. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 26: 102-117.
- Labronici, R. H. D. D., Cunha, M. C. B., Oliveira, A. S. B., Gabbai, A. A. (2000). Esporte como fator de integração do deficiente físico na sociedade. *Arquivos de Neuropsiquiatria*, São Paulo, 58 (4) 1092–1099.
- Lipovetsky, G. (2004). *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla.
- Maciel, M. R. C. (2000). Portadores de deficiência: a questão da inclusão social. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, 14 (2): 51-56.
- Marques, R. F. R. (2016). A contribuição dos Jogos Paralímpicos para a promoção da inclusão social: o discurso midiático como um obstáculo. *Revista USP*, São Paulo, (108): 87-96.
- Minayo, M. C. S. (2013). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.
- Pedrinelli, V. J., Nabeiro, M. (2012). Prática do esporte pela pessoa com deficiência na perspectiva inclusiva. In: Mello, M. T., Winckler, C. *Esporte Paralímpico*, São Paulo: Atheneu.
- Richardson, R. J. (2012). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. (3a ed). São Paulo: Atlas.
- Samulski, D., Noce, F. (2002). Perfil psicológico de atletas paraolímpicos brasileiros. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, São Paulo, 8 (4): 157-166.
- Scheid, L., Rocha, E. A. Organização administrativa do desporto paralímpico. (2012) In: Mello, M. T., Winckler, C. *Esporte Paralímpico*. São Paulo: Atheneu.
- Torri, D., Vaz, A. F. (2017). Esporte paralímpico: difícil inclusão, incorporação tecnológica, corpos competitivos. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, 12 (2): 536-550.
- Velasco, A., Dos Santos, S. M., De Souza, D. L. (2018). Os significados da prática do Goalball sob a ótica de atletas da modalidade. *The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)*, 8(1): 43-58.

